



## A G. D. G.A.D.U

Á Aug. e Resp. Loj. Simb. URIM & TUMIM nº 4294

S.

F. U.

Am. Ir. Marechal Floriano Peixoto V. M.

Am. Ir. Felisberto Americo Sowzer 1º Vig.

Am. Ir. Sir Isaac Newton 2º Vig.

Meus queridos e AAm. Ilr.

Trabalho do Ir. M. I. Eliphas Levi

Or. São Paulo, 16 de Maio de 6026, V.L.

### **TEMA TRABALHO**

O SILÊNCIO DO APRENDIZ: DISCIPLINA OU  
MÉTODO DE CONHECIMENTO?

## O SILÊNCIO DO APRENDIZ: DISCIPLINA OU MÉTODO DE CONHECIMENTO?

Entre os diversos elementos simbólicos presentes no primeiro grau, o silêncio imposto ao aprendiz costuma ser interpretado de maneira simples: como uma regra de disciplina ou respeito aos trabalhos da loja.

Entretanto, quando observamos essa prática com mais atenção, surge uma questão mais interessante. Se a maçonaria visa o aperfeiçoamento intelectual e moral de seus membros, por que justamente o iniciado, aquele que mais deseja aprender, é colocado em silêncio?

Essa pergunta nos conduz a uma hipótese diferente: talvez o silêncio do aprendiz não seja apenas uma regra ritual, mas parte de um método de formação presente em antigas tradições de conhecimento.

Para compreender melhor essa possibilidade, é útil observar como o silêncio foi utilizado em outras escolas filosóficas e espirituais ao longo da história.

### O SILÊNCIO NAS TRADIÇÕES FILOSÓFICAS

A exigência do silêncio para os iniciados aparece em diversas tradições intelectuais da antiguidade.

Um dos exemplos mais conhecidos encontra-se nas comunidades fundadas por Pitágoras.

Fontes antigas relatam que os novos discípulos passavam um período inicial dedicado principalmente à escuta. Durante essa fase eram chamados akousmatikoi, termo que significa literalmente “aqueles que ouvem”.

Essa prática possuía um propósito pedagógico claro. Antes de participar de debates ou expor suas próprias ideias, o discípulo precisava desenvolver a capacidade de escutar atentamente e refletir sobre aquilo que era transmitido.

Essa concepção revela algo muito importante: em muitas tradições filosóficas antigas, aprender não começava pela fala, mas pela escuta.

Essa perspectiva foi estudada pelo filósofo francês Pierre Hadot, que demonstrou que, nas escolas filosóficas da antiguidade, a filosofia não era entendida apenas como um sistema de teorias, mas como um modo de vida. O aprendizado envolvia práticas destinadas a transformar o próprio indivíduo. Entre essas práticas estavam exercícios de contemplação, reflexão e silêncio.

Curiosamente, essa valorização do silêncio não aparece apenas na tradição ocidental. Ela também se encontra em diversas tradições espirituais do oriente.

No budismo, por exemplo, períodos prolongados de silêncio são utilizados como forma de aprofundar a atenção e a consciência do próprio pensamento. A prática da meditação silenciosa busca reduzir a dispersão mental, permitindo uma observação mais clara da experiência interior.

De forma semelhante, no taoísmo, textos atribuídos a Lao - Tsé sugerem que o excesso de palavras frequentemente obscurece a compreensão da realidade.

O silêncio aparece como condição para perceber aquilo que não pode ser plenamente expresso por conceitos.

Esses exemplos mostram que, em diferentes tradições culturais, o silêncio foi compreendido não como ausência de atividade, mas como condição para um tipo mais profundo de percepção e entendimento.

Se o silêncio possui esse papel em tantas tradições de conhecimento, torna-se natural perguntar qual seria sua função dentro do próprio processo de aprendizado.

## **O PROBLEMA DA FALA NO PROCESSO DE APRENDIZADO**

Na vida cotidiana, falar é uma atividade espontânea e quase automática. Muitas vezes, porém, ela ocorre antes que haja compreensão real do assunto discutido.

Não é raro que a fala seja utilizada para reafirmar opiniões já formadas, em vez de investigar novas ideias.

O silêncio produz um efeito diferente. Ao suspender a resposta imediata, ele cria um intervalo entre a percepção e a reação. Nesse intervalo, o pensamento pode se desenvolver com maior profundidade.

Assim, o silêncio não significa ausência de atividade intelectual. Pelo contrário, ele cria as condições para que a reflexão aconteça de maneira mais cuidadosa.

Entretanto, o efeito do silêncio não se limita apenas ao campo do aprendizado intelectual. Ele também provoca uma mudança importante na forma como o indivíduo se relaciona consigo mesmo.

## **O SILÊNCIO E A OBSERVAÇÃO INTERIOR**

Quando a necessidade constante de falar é suspensa, a atenção frequentemente se volta para o interior. Pensamentos, reações e impulsos que normalmente passam despercebidos tornam-se mais visíveis.

O psiquiatra suíço Carl Jung observou que o desenvolvimento psicológico exige momentos de introspecção nos quais o indivíduo pode tomar consciência de aspectos de si mesmo que normalmente permanecem ocultos na agitação da vida cotidiana.

Sob essa perspectiva, o silêncio cria um espaço propício para a observação interior. Assim, o aprendiz não apenas escuta melhor os outros, mas começa também a perceber com mais clareza a própria dinâmica de seus pensamentos e atitudes.

Esse processo sugere que o silêncio inicial não tem como objetivo afastar o aprendiz da participação nos trabalhos da loja, mas prepará-lo para uma forma mais consciente de participação.

## **O SILÊNCIO COMO PREPARAÇÃO**

Se o silêncio fosse um fim em si mesmo, ele permaneceria ao longo de todo o percurso maçônico. No entanto, sabemos que isso não ocorre.

O silêncio caracteriza apenas as etapas iniciais do caminho maçônico. Isso indica que o objetivo não é excluir o iniciado do diálogo, mas prepará-lo para ele.

Falar de maneira significativa exige mais do que simplesmente expressar ideias. Exige capacidade de escutar, refletir e compreender diferentes perspectivas.

Ao aprender primeiro a observar e ouvir, o aprendiz desenvolve as bases necessárias para que sua futura participação nos debates seja mais consciente e mais construtiva.

Dessa forma, o silêncio deixa de parecer uma restrição e passa a revelar seu verdadeiro sentido dentro do processo de formação do maçom.

## **CONCLUSÃO**

Quando interpretado apenas como disciplina ritual, o silêncio do aprendiz pode parecer uma simples limitação. Entretanto, quando observado à luz da história da filosofia e das tradições de conhecimento, ele revela uma função muito mais profunda.

O silêncio ensina a escutar antes de responder, a refletir antes de afirmar e a observar antes de julgar.

Em outras palavras, ele introduz o iniciado em uma atitude fundamental para qualquer busca sincera de conhecimento: a disposição de reconhecer que, compreender exige, antes de tudo, atenção e reflexão.

Talvez por isso o caminho do aprendiz comece no silêncio. Porque, antes de aprender a falar com sabedoria, é necessário aprender a ouvir com profundidade.